

AUTOFOTOGRAFIA NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

NATÁLIA LOHMANN D' ÁVILA¹; VALENTINA MACHADO²; RAFAELA BARROS DE PINHO³; LORENA MAIA RESENDE⁴; VANESSA FORNECK⁵; EDUARDO ROCHA⁶.

¹FAURB/UFPEL – nathyloh@hotmail.com

²PROGRAU/UFPEL – valentina.rigon.machado@gmail.com

³FAURB/UFPEL – rafaelaapinho@gmail.com

⁴PROGRAU/UFPEL – lorenamilitao@gmail.com

⁵PROGRAU/UFPEL – vanessaf.ufpel@gmail.com

⁶PROGRAU/UFPEL – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo é parte do projeto de pesquisa “Travessias na Linha de Fronteira Brasil-Uruguay” que tem como objetivo geral investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay, definido pelas cidades-gêmeas (Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas). Utilizando diversos procedimentos metodológicos, sendo um deles a "Autofotografia".

As atividades do projeto buscam aproximar os pesquisadores ao campo de pesquisa, propondo a realização de uma travessia nas linhas de fronteira das cidades-gêmeas Brasil-Uruguay, para descobrir os usos, atividades, modos de vida encontrados nessa confluência urbana.

Travessia, ato de atravessar, se deslocar de um ponto a outro, “a travessia depende sempre de um coletivo, ou de alguém que atravessa algum lugar, território, pensamento ou que é atravessado por outros *affectos*” (RESENDE, 2018). Assim, no ato da passagem os pesquisadores passam a pertencer não a um lugar nem outro, mas sim ao meio, a fresta e ao entre.

2. METODOLOGIA

Segundo Deleuze e Guattari (1995) a cartografia é uma forma de produzir conhecimento durante o processo de pesquisa, e através da utilização do método cartográfico se pretende investigar os espaços públicos na linha de fronteira na contemporaneidade, reunindo geografia, filosofia, arquitetura, urbanismo e artes contemporâneas. Como resultado, pretende-se produzir narrativas sobre o espaço público na linha de fronteira Brasil-Uruguay, na coexistência da materialidade e imaterialidade, das políticas públicas e modos de vida na cidade, do Brasil e Uruguay e da própria fronteira na fronteira.

O método da cartografia se constitui como um modo de acompanhar os processos, de múltiplos mapas (imagens, vídeos, narrativas, sensações, desejos, etc). As pistas do método da cartografia respondem a um desafio de desenvolver formas de pesquisar que se dediquem ao estudo de processos e que elas próprias se efetuem por uma processualidade (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009).

Os procedimentos metodológicos escolhidos para a pesquisa contemplam entrevistas cartográficas, confecção de mapas, produção de vídeos e **autofotografia**, descrita por Robert Ziller (NEIVA-SILVA E KOLLER, 2002). Sendo a última caracterizada por ser um procedimento fotográfico executado pelo próprio sujeito da pesquisa, que elege o que quer fotografar, o ponto de vista, o horário, etc.; é autônomo no ato de fotografar e responder a questão de pesquisa:

o que chama a atenção do caminhante pesquisador na linha fronteiriça?

A análise em autofotografia procura contemplar as linguagens visuais (imagens) e verbais (entrevistas e legendas das imagens), de modo a dar margem a contradições nas representações e significados, utilizando a imagem como um disparador de ideias e pensamentos sobre a questão pesquisada.

Além disso, junto do processo da Autofotografia, que seria realizada na travessia da linha fronteiriça, o grupo da Autofotografia também possuía a tarefa de coletar imagens, para além da linha, que representassem as cidades da fronteira Brasil-Uruguai. Ou seja, buscar registrar espaços, objetos, cenários, arquiteturas, etc., a fim de demonstrar e comparar a plasticidade das cidades fronteiriças, para então compreender suas semelhanças e diferenças, e assim visualizar como as características de cada país influenciam um no outro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante 10 dias, entre 24 de agosto e 02 de setembro de 2018, quinze pesquisadores, entre eles, acadêmicos, mestrandos e professores, viajaram pelas seis cidades-gêmeas, localizadas na linha de fronteira Brasil-Uruguai. Dentre os métodos de pesquisa abordados neste estudo, optou por realizar o da autofotografia dentro do próprio grupo de viajantes, enquanto outros métodos abordados já trabalhariam com a visão local da fronteira, como entrevistas por exemplo. Isso se deve por três fatores: primeiramente, para obter uma visão estrangeira da linha fronteiriça, diferente da visão do morador que já está acostumado com ela; logo, para poder obter uma visão ampliada, levando em consideração que o viajante relatará a sua visão de todas as linhas fronteiriças percorridas; e por último, em função do tempo disponível para a realização do estudo, que seria muito curto para ser desenvolvido com os moradores.

Os caminhantes percorreram a linha de fronteira em grupos durante o dia, com suas câmeras fotográficas, com sol e chuva, frio, e muitos encontros. Durante a caminhada seis desses quinze caminhantes (sendo três da equipe da autofotografia e três de outras equipes de pesquisa, escolhidos previamente à viagem) deveriam responder à pergunta proposta pela autofotografia, registrando em imagens, o que nessa linha fronteiriça mais chamou atenção do pesquisador. Nessas fotografias se revelaram as mais diferentes cenas, em diversos ângulos e aproximações, gerando imagens desde planos gerais até imagens de primeiro plano.

As imagens eram descarregadas no final de cada dia de travessia, visualizadas pelo fotógrafo-pesquisador, que escolhia as que mais lhe afetou. Para, em seguida, em uma entrevista, dizer o porquê de sua escolha. O recolhimento das imagens, bem como a escolha dessas como significativas foram feitas durante a própria viagem, no entanto, a entrevista acabou ocorrendo apenas depois. Essa distância permite ao autor refletir e compreender a fronteira, bem como ter uma visão geral de todas as cidades, para que assim possa expressar melhor os seus sentimentos e as razões pelas quais acabou escolhendo aquelas imagens.

As entrevistas posteriormente foram transcritas e organizadas em um conjunto imagem-texto lado a lado, primeiramente por cidades, cidades-gêmeas ou países, para em seguida serem organizadas em temas, que caracterizarão essa fronteira Brasil-Uruguai. Dentre esses temas, pode-se citar como frequentemente citados pelos pesquisadores a hostilidade da linha, a importância do comércio, a influência de um país no outro, em relação à fronteira Chuí-Chuy, bem como o controle, o contrabando e os esconderijos e passagens, apontados

para a fronteira Quaraí-Artigas. Tudo isso gerou um total de 112 conjuntos imagem-texto.

Seguem abaixo exemplos da autofotografia retirados da primeira e da última travessia feitas, alguns resultados do conjunto imagem-texto gerados:

1^a. Travessia Chuí-Chuy:



(Fonte: Acervo da pesquisa)

“Ao longo da travessia pela linha da fronteira teve-se dois sentimentos opostos, tanto o de vazio quanto o de excesso. Essa imagem representa isso, onde nos extremos, tanto no lado Brasileiro quanto no Uruguai, há uma poluição visual, um excesso de coisas. Enquanto no meio, na linha fronteiriça, existe o vazio, o espaço é utilizado apenas como armazenamento e transição. Além disso, a falta de manutenção da linha também é algo muito notável. E juntando esse aspecto com o ‘vazio’, notou-se ser um espaço de não apropriação da população.”

(Entrevista graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo, 24 anos).

6^º. Travessia Barra do Quaraí-Bella Unión:

“Essa foto também tem uma questão dupla, da ponte nova e da ponte do trem que não é utilizada e é abandonada. Contudo, ao mesmo tempo a ponte antiga é tão bonita, é tão fotogênica, todo mundo fotografa essa ponte, e mesmo ela não sendo mais utilizada ela ficou ali, e a população da cidade quer que seja feito um parque nela, mas o que é bonito é ela assim.” (Entrevista arquiteto, 47 anos).



(Fonte: Acervo da pesquisa)

4. CONCLUSÕES

Podemos vislumbrar, até o momento, sobre a técnica da autofotografia na linha de fronteira Brasil-Uruguai, que aparecem no conjunto de imagens-textos infinitos heterogêneos, ou seja, a linha fronteiriça é sentida de múltiplos modos pelos fotógrafos, tanto comparando diferentes cidades de fronteira, como comparando a visão de pessoas diferentes sobre as mesmas cidades fronteiriças, e, muitas vezes, até sobre os mesmos espaços. O que ajuda a compor essa heterogeneidade em relação às fronteiras são os diversos fatores analisados nas linhas fronteiriças, como o modo de vida da população, a infraestrutura, o convívio social, as formas de interação entre os países, a própria forma física da fronteira, cada local possui a seu aspecto e a sua característica. E em relação à heterogeneidade de visões dos pesquisadores, essa é muito ligada com a experiência de vida desses, bem como o nível de conhecimento do local, é uma experiência fundamentalmente pessoal.

Também se pode perceber a potência do procedimento no que diz respeito a ruptura do par representação-significado, imagem nem sempre corresponde ao texto. E ainda, apesar dos heterogênicos, existem locais que são tão fortes que são sentidos e interpretados de forma muito semelhante por diversos pesquisadores.

O processo fotográfico é um processo de criação. Segundo Gombrich (2012) a imagem visual não é mera representação da realidade, mas inventado pelo seu autor a partir de experiências diversas e subjetividades. A autofotografia, portanto é um recurso criador e pedagógico; requer escolhas e tomadas de posição, potencializando o pensar sobre.

Destaca-se a composições de imagens-cristal (DELEUZE, 2005), a partir do abandono do par representação-significado, criando imagens líquidas, viscosas, que escorrem por todos os lados, difíceis de serem agarradas, se apegarem, quando falamos de imagens cristais da arquitetura. São lugares corpos sem órgãos, onde a própria palavra escorrega, aparece e desaparece, está sempre acompanhando uma outra palavra, um período histórico das artes e uma imagem da arquitetura, vida e morte. Nomeada mas fugidia, abandonável.

A pesquisa atualmente está em uma fase final de organização, mas, predominantemente, encontra-se na fase de análise do material, das aproximadamente 112 imagens e entrevistas coletadas para a autofotografia, bem como dos diversos outros materiais coletados. Pretende-se compor com o conjunto imagem-texto um mapa de autofotografia da linha fronteiriça Brasil-Uruguay, assim como a produção de artigos e apresentação dos resultados em congressos e eventos científicos, e com as imagens das cidades será gerado um material gráfico que culminará em um livro, que mostrará a plasticidade da fronteira Brasil-Uruguay.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-tempo:** cinema II. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- GOMBRICH, Ernest Hans. **O uso das imagens.** São Paulo: Bookman, 2012.
- NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia.** In: Estud. psicol. (Natal) [online]. 2002, vol.7, n.2, pp.237-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci_abstract&tlang=pt>. Acesso: 22 junho de 2018.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RESENDE, Lorena Maia. **CARTOGRAFIA URBANA NA LINHA DE FRONTEIRA:** Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Faurb/UFPel, 2018. Dissertação de mestrado.